

Argumentação na Pedagogia Freinet: Refletindo sobre as técnicas de vida na escola

Argumentation in the Freinet Pedagogy: Reflecting on school life techniques

Alcidesio Oliveira da Silva Junior¹

Resumo

Como ferramenta que trabalha aspectos cognitivo-discursivos, a argumentação se desenvolve como uma prática elementar nas relações dialógicas, contribuindo para descobertas da linguagem, reflexões críticas e sistematização da retórica. Em sala de aula, auxilia a conexão entre os saberes construídos, ocupando espaço importante no planejamento pedagógico do professor. Este artigo busca estabelecer ligação entre aspectos da teoria da argumentação e as propostas do pedagogo anarquista francês Célestin Freinet que com suas “técnicas de vida” brindou com um novo frescor a Pedagogia moderna. Para tanto, a pesquisa recorre a um levantamento bibliográfico em que conclui-se que as práticas em sala de aula do Movimento Freinet, como o jornal e a imprensa escolar, as aulas-passeio, as oficinas e a corresponsabilidade, para citar apenas algumas, de fato contribuem para o desenvolvimento da argumentação e do livre posicionamento do aluno, fortalecendo as relações dialógicas existentes e as leituras de mundo em constante expressão.

Abstract

As a tool that works cognitive-discursive aspects, the argumentation develops as an elementary practice in dialogic relations, contributing to discoveries of language, critical reflections and systematization of rhetoric. In the classroom, it assists the connection between the constructed knowledge, occupying important space in the pedagogical planning of the teacher. This article seeks to establish a connection between aspects of the argumentation theory and the proposals of the French anarchist pedagogue Célestin Freinet, who with his "life techniques" offered a new freshness to modern Pedagogy. For this, the research uses a bibliographical survey where it is concluded that the classroom practices of the Freinet Movement, such as the newspaper and the school press, the classes-walk, workshops and co-responsibility, to name a few, of fact contribute to the development of student's argumentation and free positioning, strengthening existing dialogic relations and world readings in constant expression.

Palavras-chave: Pedagogia Freinet. Argumentação. Educação Libertária.

Keywords: Freinet Pedagogy. Argumentation. Libertarian Education.

Introdução

Como estimuladora do processo de ensino-aprendizagem, a argumentação em sala de aula, trabalhada junta aos alunos, ocupa um espaço importante no planejamento pedagógico que visa à construção de um conhecimento mais crítico e reflexivo. Sua realização se dá

¹ Graduando em Pedagogia. Universidade Federal de Pernambuco. Especialização em Educação Infantil. Centro Universitário SENAC/SP. ateneu7@gmail.com.

através do entendimento de que um desatar nos processos cognitivo-discursivos é engendrado, fortalecendo os posicionamentos e a conexão entre os saberes construídos na escola.

Desta forma, cada vez mais professores e professoras compreendem que vivenciar em sala de aula experiências que desenvolvam o elo entre o conhecimento, a reflexão e a argumentação são de grande contribuição para que um caminho não reprodutivista, não alienante e não centralizador se desenvolva com inteireza, fortalecendo espaços de formação dos sujeitos autônomos e capazes de fundamentar seus pontos de vista, refletindo a respeito de suas descobertas, de sua própria linguagem e das oposições às suas premissas que surgem naturalmente na vida.

Reverberando tais considerações e trilhando um caminho mais esperançoso no campo educacional, vestindo de um novo frescor a Pedagogia controladora do seu tempo, pode-se citar as ideias do pedagogo anarquista francês Célestin Freinet, criador do Movimento Pedagogia Freinet e que marcou sua geração e a contemporaneidade com as chamadas “técnicas de vida”, sinalizando uma educação de perspectiva emancipatória e gestante de uma nova sociedade mais justa e igualitária. Criador das aulas-passeio, jornal escolar, livro da vida, imprensa escolar e da Cooperativa Escolar, dentre outros elementos inovadores, revoluciona o sistema conservador dando voz aos alunos e alunas em função da formação de sujeitos autônomos e cooperadores.

Para Freinet, a cooperação entre os indivíduos, que se estabelece em um regime mutualista sob forte influência do anarquista Pierre-Joseph Proudhon, é uma força inesperada capaz de confrontar o sistema. Esta cooperação, alicerçada em uma forte noção de afetividade, se empenha na condução de um processo pedagógico mais envolvente às crianças e que não a distancie de uma vivência agradável, conectada ao professor, aos colegas de sala e à comunidade ao entorno, fortalecendo os vínculos e solidificando a autogestão popular e os processos de argumentação em sala de aula.

Esta pesquisa objetiva descrever de que forma o pensamento freinetiano, especialmente através de suas “técnicas de vida”, pode contribuir como espaços de argumentação e reflexão crítica dos alunos, trazendo luz ao legado do Movimento da Escola Moderna, fundado por Freinet.

1. A argumentação em sala de aula

A argumentação está presente em todas as esferas da vida em sociedade. Como arte ou técnica discursiva costura enunciados de persuasão, de disputa, de conquista, de oposição e de respostas às oposições em variados espaços, demonstrando que, precocemente, ainda na infância, é vivenciada, ainda que teoricamente não formulada ou tecida de maneira apurada.

Demonstrando o seu potencial como elemento catalisador da vida em sociedade e da cultura, “num mundo em que os conflitos e as controvérsias são inevitáveis, as negociações e a argumentação fazem parte do cotidiano das nações, das comunidades e das pessoas” (MOSCA, 2004, p. 45), estabelecendo os princípios das relações dialógicas. Relações estas que se expressam não somente entre estes e os outros seres sociais, mas também através do diálogo interno, da reflexão pessoal que transborda em conceituações, problematizações e conclusões variadas. Portanto, segundo Leitão (2011, p. 14):

Vista sob esta ótica, a argumentação é não somente uma atividade discursiva da qual os indivíduos eventualmente participam, mas, sobretudo, uma forma básica de pensamento que permeia a vida cotidiana – quer este pensamento ocorra de forma pública e interpessoal, quer aconteça num plano privado e intrapessoal.

Ao retomar a expressão “relações dialógicas”, citada no último parágrafo, vale ressaltar a importância das contribuições teóricas de Mikhail Bakhtin, filósofo russo e pesquisador da linguagem, quando refere-se ao dialogismo presente nos enunciados, especialmente aqueles que trabalham na ordem da argumentação, do contestatório, da defesa, do debate:

Um enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação verbal de uma dada esfera. As fronteiras desse enunciado determinam-se pela alternância dos sujeitos falantes. Os enunciados não são indiferentes uns dos outros nem autossuficientes; conhecem-se uns aos outros, refletem-se mutuamente. São precisamente esses reflexos recíprocos que lhes determinam o caráter. O enunciado está repleto dos ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado numa esfera comum da comunicação verbal. O enunciado deve ser considerado acima de tudo como uma resposta a enunciados anteriores dentro de uma dada esfera (a palavra “resposta” está empregada aqui no sentido lato): refuta-os, confirma-os, completa-os, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. Não se pode esquecer que o enunciado ocupa uma posição definida numa dada esfera da comunicação verbal relativa a um dado problema, a uma dada questão, etc. Não podemos determinar nossa posição sem correlacioná-la a outras posições. (BAKHTIN, 1992, p. 316)

Através da perspectiva teórica de Bakhtin acima apresentada, tem-se a ciência de que os discursos contrapostos em situações diversas, no caso desta pesquisa, em sala de aula, sustentando posicionamentos e revendo os mesmos, caso os argumentos do outro falante se revelem mais costurados, formam um conjunto dialógico argumentativo, elemento base do

discurso e localizado no plano do sentido dos enunciados. Estes formam uma cadeia com uma série de outros enunciados, provocando ressonâncias e reações-respostas imediatas dentro de um contexto de relação de um indivíduo com outro ou com outros (BAKHTIN, 1992).

Para Barros (2001), alguns elementos se destacam e que dão forma ao dialogismo apresentado por Bakhtin, como a interação entre os interlocutores; a significação do texto e das palavras que surgem da relação entre os indivíduos; a intersubjetividade que constrói os sujeitos que produtores do texto; a noção de interação, de socialização muito destacada pelo filósofo russo e que fundamenta a construção dos sentidos que estabelecem na enunciação dos sujeitos.

Desta forma, merecem destaque alguns elementos muito importantes no espectro da argumentação que sobressaem de imediato: o exercício de reflexão em direção ao convencimento, a fundamentação dos pontos de vista e a construção do conhecimento. Em face disto, tais caracteres discursivos passaram a ser analisados em sua importância para as práticas em ambientes escolares, trazendo à tona a capacidade cognitiva a ser trabalhada em sala de aula, especificamente, conduzindo os alunos a um andamento crítico-reflexivo alinhados aos processos dialógicos.

Neste ambiente, retomando Leitão (2011), duas vertentes de investigação podem ser observadas: a argumentação como atividade cognitivo-discursiva que auxilia a aprendizagem de diversos conteúdos escolares, a chamada “argumentação para aprender” e o “aprender para argumentar”, desenvolvido pelas práticas educacionais específicas de produção de conteúdo.

Desta forma, em variados momentos em sala de aula, o professor pode favorecer oportunidades onde os alunos tomem um posicionamento que sinalize para uma reflexão mais crítica em torno dos conteúdos trabalhados. Segundo a autora anteriormente citada, este processo é percebido através de uma unidade triádica de análise da argumentação, formada justamente pelo *argumento*, pelo *contra-argumento* e pela *resposta*. Baseado em um ponto de vista particular e cerceado de vivências, o elemento argumentativo se ergue no diálogo, colocando a posição do falante no diálogo. Esta posição logo é desafiada frente ao contra-argumento, podendo vir do professor ou dos outros colegas de sala. Interessante é perceber que esta problematização que surge é de uma importância aguda, pois faz que o primeiro falante reorganize suas ideias, seu ponto de vista, retome memórias, lembranças, adentra em um metapensamento, a fim de desenvolver uma resposta, sustentando com ainda mais elementos o primeiro argumento ou desconstruindo-o em uma nova argumentação. Assim, segundo Leitão (2011, p. 28):

Em qualquer dos casos, uma resposta à contra-argumentação só pode ser elaborada a partir de um processo em que o argumentador toma seu próprio argumento (suas ideias sobre o tema discutido) como objeto de reflexão e o avalia à luz da força que acredita ter a contra-argumentação. E é exatamente esse processo que é visto aqui como essencial à re(construção) do conhecimento. Com base nessa ideia, considera-se, portanto, que a reafirmação (mesmo literal) de um ponto de vista, em resposta a uma contra-argumentação, longe de indicar ausência de aprendizagem, marca um novo estado no processo de apropriação/entendimento do tema em questão.

Que experiência rica se desencadeia quando estes espaços e vivências dialógicos são potencializados em sala de aula pelos professores. Ao analisar tais considerações, percebe-se que falar de expressão de posicionamento e retórica nas metodologias pedagógicas é muito mais que preocupar-se com a oralidade do aluno ou sua eloquência, mas desenvolver autonomia e reflexão crítica embasada em conteúdos sólidos e articulados pelos estudantes na escola.

1.1 As brincadeiras na escola como momentos argumentativos

Para além das experiências advindas de temas/conteúdos sistemáticos propostos pelos professores, vale nesta pesquisa ressaltar também as brincadeiras entre as crianças como momentos propícios para o desenvolvimento não somente da linguagem verbal, como também das relações dialógicas. Situações lúdicas como estas, natural dos pequenos, e permeadas de espontaneidade, carregam potencialidades inúmeras para a aprendizagem coletiva e significativa.

Segundo Basílio (2008, p. 24):

Na espécie humana, a brincadeira encontra-se marcada pela mediação verbal, seja na definição de regras, na estipulação dos papéis a serem desempenhados pelos participantes, nos acordos a serem realizados pelos grupos que irão se opor, na redefinição de regras iniciais ou, o que parece crucial ao nosso propósito, no manejo dos conflitos surgidos no decorrer da brincadeira que poderão gerar condutas argumentativas de oposição. Parte-se da premissa de que situações de brincadeiras de pares ou grupos favorecem o surgimento de condutas argumentativas opostas diversas.

As brincadeiras na escola, desta forma, guardam um sentido que supera em muito a ideia única de passatempo, onde as atividades não são planejadas pelo corpo docente, deixando-as ao puro espontaneísmo dos alunos. Não pode-se perder de vista a importância da livre expressão dos pequenos que inventam e reinventam brincadeiras e jogos, porém, guardadas em um planejamento pedagógico, estas se tornam ferramentas ímpares no desenvolvimento cognitivo das crianças, pois “no brincar, objetivos, meios e resultados tornam-se indissociáveis e enredam a criança em uma atividade gostosa por si mesma, pelo

que proporciona no momento de sua realização” (MACEDO, 2005 apud FRIEDMANN, 2006, p. 40).

São inúmeras as contribuições das brincadeiras na formação das crianças e no desenvolvimento da linguagem e da argumentação, contrariamente ao que é tomado pelo senso comum que lança tais atividades à mera ocupação do tempo dos pequenos. Em áreas de pesquisa diversas pode-se enumerar a importância da análise das brincadeiras no contexto apresentado:

Na abordagem sociológica, os aspectos analisados nas brincadeiras são: o processo de socialização infantil, a interação entre as crianças, as formas de participação de cada elemento, o desempenho de papéis, o nível de aceitação de cada participante do grupo lúdico, as atitudes e os preconceitos, o surgimento de lideranças, dentre outros. Na abordagem psicológica, as brincadeiras são analisadas de acordo com o significado dos objetos e das ações para cada criança, as expectativas, o grau de esforço realizado para que as ações sejam valorizadas pelo grupo, os papéis desempenhados e como são desempenhados, etc. Na abordagem antropológica, procura-se acompanhar a trajetória dos jogos infantis em relação às influências étnicas, à zona de dispersão, às variações que ocorreram em virtude de tempos e espaços, etc. (CÓRIA-SABINI, 2015, p.28)

Portanto, difundir momentos em sala de aula onde as vivências de argumentação oral e/ou escrita possam se estender entre os alunos é um forte fundamento para o desenvolvimento da metacognição, ou seja, de sua autorreflexão, compreensão dos seus próprios pensamentos e usos das mais diferentes linguagens (Mercier&Sperber, 2011), de sorte que cabe aos professores a potencialização destes momentos das mais variadas formas e a orientação para o progresso dos mecanismos reflexivos.

1.2 A Pedagogia Freinet

Nesta mesma consciência e em oposição ao conservadorismo de sua época que cerceava a livre expressão dos alunos e alunas, Célestin Freinet desenvolve nas primeiras décadas do século XX uma práxis revolucionária trilhando um caminho que ficou conhecido como Pedagogia Freinet ou “técnicas da vida”, fundando um Movimento internacional da Escola Moderna. Fortemente inspirada em sua vida pastoril e camponesa, sua práxis fundamenta-se na utilização de métodos naturais da aprendizagem, cooperação em sala de aula, formação de sujeitos críticos e traz a educação para o trabalho como elemento importante no dia a dia das crianças da escola. É justamente através de atividades que intervém na natureza e no entorno social que os objetivos da pedagogia são alcançados.

São três fases concebidas nesta perspectiva didática, segundo Freinet (1998, p. 354-355):

A experimentação, sempre que isso for possível, que pode ser tanto observação, comparação, controle, quanto prova, pelo material escolar, dos problemas que a mente se formula e das leis que ela supõe ou imagina. A criação, que, partindo do real, dos conhecimentos instintivos ou formais gerados pela experimentação consciente ou inconsciente, se alça, com a ajuda da imaginação, a uma concepção ideal do devir a que ela serve. Enfim, completando-as, apoiando-as e reforçando-as, a documentação – a busca da informação desejada em diferentes fontes – que é como uma tomada de consciência da experiência realizada, no tempo e no espaço, por outros homens, outras raças, outras gerações.

Estas fases, segundo o pedagogo francês, são acompanhadas de diversas técnicas experimentadas em sala de aula e entendidas como basilares para a formação dos sujeitos autônomos e cooperativos: a livre expressão de texto e arte, a imprensa escolar, a Cooperativa de Ensino Laico, responsável pela divulgação dos textos das crianças e dos materiais didáticos para professores de outras regiões e países, a correspondência interescolar, a cooperativa escolar voltada às oficinas, o jornal escolar, o jornal mural, a roda de conversa com mediação dos próprios alunos, o livro da vida, o álbum da turma e as aulas-passeio.

Pelas rodas de conversa, os alunos decidem e planejam junto com os professores as atividades do dia, dialogam sobre diversos temas livremente, expõem seus pontos de vista acerca de temas variados, interpelam os colegas de sala e fazem um balanço ao final da jornada do que foi realizado. E dentre estas atividades, como citado, estão os textos que são escritos sob a inspiração das aulas-passeio, através da observação cuidadosa das temáticas apresentadas, e também escolhidas pelos estudantes. Importantíssimo é para a Pedagogia Freinet romper com as paredes da sala de aula e realizar o estudo do seu entorno:

Por isso, Freinet bem cedo ampliou e enriqueceu esse estudo, acrescentando duas dimensões complementares: por um lado, deu atenção aos testemunhos individuais dos alunos desejosos de compartilhar com seus colegas acontecimentos importantes, e daí surgiu o texto livre; por outro lado, surgiu o jornal escolar, a ser distribuído entre as famílias, e, sobretudo, a correspondência interescolar, pela qual uma escola comunica a outras o essencial desses testemunhos individuais, escolhidos de forma democrática em sala de aula e editados coletivamente para a sua comunicação. A comunicação, que equivale à socialização, torna-se instrumento por excelência do acesso à escrita. O desejo de comunicar transformará o estudo do entorno em observação meticulosa, com a finalidade de transmitir algo a pessoas estranhas àquele entorno (LEGRAND, 2010, p. 16).

Outra preocupação presente na Pedagogia Freinet é que as crianças possam vivenciar o ambiente natural e cultural que as cerca, não apenas contemplá-lo através dos livros, em uma tonalidade distante, fria e que não desperte a curiosidade necessária para que elas, enfim,

tenham a ânsia de comunicarem suas descobertas. É através desta urgência de se expressar que as crianças são estimuladas a escrever e a ler, não em reprodução de palavras desconectadas de sentido e/ou de sua realidade, ou livros didáticos que não as interessam, mas textos vivos que pelo seu significado trazem cores ao cotidiano escolar e as práticas em sala de aula.

Para tanto, a imprensa escolar surge como uma novidade e um atrativo para que as crianças sejam estimuladas a escreverem os seus textos livres, baseados em suas experiências nas aulas-passeio, suas vivências rotineiras e suas curiosidades da vida. Através deste mecanismo, há uma necessidade de expressão e um objetivo comunicacional que torna-se um real sentido para os alunos aprenderem as regras gramaticais, a ordenação das palavras, a argumentação, a sintaxe, a beleza das palavras e, especialmente, o alcance do entendimento das outras crianças quanto aos seus textos. Como também recebem, através da correspondência interescolar, jornais e/ou cartas de outras crianças em regiões diversas, aguça-se o anseio pela leitura, pela descoberta das palavras e a compreensão dos múltiplos gêneros textuais disponíveis para facilitarem as relações e trocas sociais.

Ao dar a palavra à criança, suprimindo as lições mortas, os educadores certamente se maravilharão com a criatividade que as crianças demonstram. É um processo paralelo onde elas exprimem com espontaneidade sua fantasia e sentimentos. Como seria bom se os educadores voltassem a sonhar e conseguissem captar, mesmo que intuitivamente, os pensamentos que em suas classes chegam de todos os lados; como seria bom se pudessem pôr à mostra toda a riqueza interior de seus alunos, possibilitando-lhes a caminharem pelos próprios passos (ELIAS, 1997, p. 88).

Esta autonomia da criança se estende também ao ensino da matemática, por exemplo, visto que conhecer os números e suas fórmulas, para o pedagogo francês, não compreende a totalidade do seu real valor. Como a formação de sujeitos autônomos, cooperadores entre si, conscientes da realidade e educados para o trabalho são características necessárias no seu método, Freinet propõe as Cooperativas Escolares como meio de autofinanciamento escolar, visto que as aulas-passeio e outras atividades requerem um investimento que, por vezes, não é possível para os filhos e filhas de operários. Também através destas Cooperativas são ensinados os cálculos matemáticos na prática, como regras para medir o campo ou pesar produtos, porém, o importante é que estejam ligados ao cotidiano daquelas crianças e sirvam como aprendizado vivo por sua utilidade.

A autogestão destes espaços é incentivada através da responsabilidade compartilhada com os alunos que tomam decisões, se revezam na responsabilidade da Cooperativa através de eleições e desenvolvem um trabalho planejado e avaliado por eles junto ao professor.

Ressalta-se que não somente a Cooperativa Escolar, mas todas as áreas da Escola freinetiana são administradas em conjunto com as crianças. Quanto a estes espaços, Freinet também propõe uma mudança arrojada nas suas estruturas, especialmente em seu tempo:

O local ideal comporta um espaço central semelhante à sala de aula tradicional. Mas a redor dessa sala há sete oficinas nas quais se realizam, em grupo, determinadas atividades. Freinet detalhou os equipamentos necessários para as oficinas dedicadas ao trabalho manual (forja e marcenaria), às atividades domésticas, às atividades “comerciais” da cooperativa, à documentação, às experiências, à reprodução (imprensa, datilografia, etc) e à criação artística. Essas oficinas têm seu próprio jardim escolar e espaço para a criação de animais (LEGRAND, 2010, p. 25).

A cooperação vivenciada pelos alunos das Escolas Freinet conduzem a uma participação democrática importantíssima para o futuro em sociedade. Através de métodos que incentivam o posicionamento das crianças, em suas mais variadas instâncias, e sua abertura para as vozes que dali surge, a metodologia volta-se para a desconstrução de paradigmas que imobilizam, silenciam e não democratizam as decisões que concernem a todos. Freinet problematiza sobre o imobilismo disfarçado de ciência e que acaba regulando as vozes que se inquietam ansiosas na busca por mais conhecimento. Para ele, estes indivíduos que encarceram outros por meio da razão:

Já não fazem experiências. Pretendem então deter a marcha dos que têm possibilidade de ultrapassá-los e superá-los. Tentam deter os inquietos e os insatisfeitos que reboam com a torrente ou que partem, por vias inexploradas, ao assalto dos picos inacessíveis. Codificam, nos seus alfarrábios, as leis do charco morto ou da planície marcada e condenam, de antemão, em nome de uma ciência de que se fazem grão-mestres, todas as experiências que visam sondar o que ainda resta de desconhecido, descobrir vias fora das estradas tradicionais e tentar todos os dias o impossível, pois é esse incessante arremesso do homem contra o impossível e o desconhecido, a razão viva da ciência (FREINET, 2004, p. 77).

Portanto, mais do que transmissão de conteúdos de maneira repetitiva, sistemática e não dialógica, a proposta de Freinet movimentava os alunos em sala de aula em atitude mutualista, tornando-os participantes do processo de seu próprio aprendizado, desenvolvendo a sua criticidade, sua organização, seu planejamento e sua intervenção no mundo. Uma direção contrária à análise do seu tempo quando diz que “somos uma geração para qual a obra criadora, esse primeiro escalão da obra de arte, foi reduzida à clandestinidade. Estude! Copie! Repita! Você nunca tirará nada de esplêndido das suas mãos desajeitadas” (FREINET, 2004, p. 26). Para seguir outro caminho, o pedagogo libertário lança mão de uma série de ferramentas anteriormente citadas, inspiradas na vida do campo, mas que desembocam em um diálogo, acima de tudo, com a esperança e com as práticas potencializadoras da liberdade, da coletividade e do senso de justiça.

2. Metodologia

O caráter desta investigação é descritivo, pois trabalha-se em cima das características da Pedagogia Freinet, expondo sua conectividade com a teoria da argumentação nos espaços educacionais. Quanto aos procedimentos, é uma pesquisa bibliográfica, pois, com base em textos de caráter científico busca relacionar conceitos e ideias colocadas em práticas pela Pedagogia de Célestin Freinet com a teoria da Argumentação em sala, interpretando os resultados e analisando-os.

3. Apresentação e discussão dos dados

É fundamental ressaltar, à priori, que Célestin Freinet projeta-se em um olhar de esperança, vendo a educação como uma ferramenta de emancipação da classe trabalhadora, visando uma sociedade mais justa, ética, igualitária e solidária. Este seu pensamento vai ser traduzido em uma práxis que se opõe não somente às desigualdades sociais vigentes, mas às reproduções dos padrões impostos pelas classes dominantes.

O pedagogo percebeu que o sistema educacional francês estimulava o pior das crianças, em regime de competitividade, alienação, meritocracia e reprodução de um sistema que não pertencia a elas, especialmente referindo-se às crianças filhas e filhos de operários. Em contraposição ao ideal capitalista, Freinet busca romper esta lógica com uma didática que favorece a cooperação, a autonomia e o desenvolvimento de um sujeito crítico e consciente de sua realidade, que se posiciona e intervém no mundo. Esta desconstrução por meio de sua didática favorece a não passividade do ser, fortalecendo o protagonismo das crianças em sala de aula e seu futuro protagonismo ativo na sociedade.

Para tanto, lança mão de técnicas como a Cooperativa Escolar, onde os alunos colaboram entre si para o autofinanciamento da escola, planejam e executam algumas atividades comerciais, aprendendo matemática concomitantemente. Na época de Freinet, por exemplo, o que era ensinado na matemática era totalmente aplicável ao cotidiano, como técnicas para medir os campos, pesar os produtos, calcular os preços e dar o conhecimento matemático necessário para as trocas comerciais. Neste ponto, percebe-se a perspectiva da argumentação como atividade cognitivo-discursiva que auxilia a aprendizagem dos conteúdos escolares pela própria utilização da matemática amparada às vivências dos alunos e o

fortalecimento dos seus posicionamentos, atuando na dinâmica do comércio, da venda e da medição dos campos.

Pensando em uma educação voltada para o trabalho, Freinet vê a fabricação de objetos, a criação de animais, a pequena agricultura, a marcenaria e a forja, como alguns exemplos vivenciados em sua prática escolar, como fundamentais para a real emancipação dos indivíduos. Para tanto, propõe um modelo de espaço escolar ideal para estas práticas que, além da sala de aula convencional, abriga sete oficinas dedicadas a estas atividades: oficina dos trabalhos manuais, das atividades domésticas, da documentação, da imprensa, da expressão artística, da Cooperativa Escolar e das experiências.

Mas como enfrentar o emudecimento causado pela alienante educação advinda do Capitalismo? Freinet propõe em seu movimento a valorização das experiências populares e a sua real manifestação seja através da escrita, da oralidade, dos livros escolhidos e da livre expressão artística em sala de aula.

Esta lógica anti-reprodutora do Movimento Freinet se intensifica com a Cooperativa do Ensino Laico, onde pessoas de diversas partes do mundo compartilham suas experiências através da criação e difusão de materiais didáticos que auxiliem uma Pedagogia que contraponha ao sistema capitalista vigente e a toda sua lógica de competitividade, alienação, individualismo, lucratividade e marginalização da cultura das camadas populares, características presentes e percebidas no seio das instituições escolares.

Na metodologia proposta pelo pedagogo francês, em substituição à docilização dos corpos por meio das salas de aula gradeadas, fechadas, corredores e movimentos em constante vigilância, em modelos muito parecidos, não aleatoriamente, com as prisões, a Pedagogia freinetiana institui, antes de tudo, as aulas-passeio como método de instruir os alunos a conhecerem o entorno da escola, seu ambiente, sua cultura, visualizando o que apenas é visto no material didático, ampliando a visão, incentivando a criatividade e a motricidade.

Esta liberdade é fortemente incentivada, rompendo com a lógica de controle sistêmico nas escolas. Os alunos quando retornam de suas caminhadas conduzidas pelo professor, são estimulados ao diálogo, ao debate do que viram, o que perceberam, escrevendo livremente sobre as temáticas que chamam sua atenção. Como dito anteriormente, a oficina de imprensa, produzindo o jornal escolar pelas próprias crianças, entra como estímulo da escrita e da leitura. O aprendizado não se dá, portanto, pela repetição das sílabas e palavras desconexas com a realidade do aluno, mas pela necessidade de se comunicarem, de expressarem o que sentem e o que veem. Concomitantemente, tem-se a correspondência interescolar,

incentivando a quebra dos muros que separam a comunidade dos estudantes, estimulando as relações dialógicas, a cooperação e a troca de experiências entre os alunos. São as próprias crianças responsáveis pela editoração do jornal, produção dos textos, diagramação, ilustração e seleção democrática dos conteúdos. Desta forma, a perspectiva do “aprender para argumentar” é percebida, pois resulta da realização conjunta nas práticas educacionais e que desemboca na melhor utilização da linguagem para expressão de reflexões, sentimentos e leituras de mundo, desenvolvendo a sistematização da retórica.

Quanto à disciplina autoritarista do tempo, da fala e dos corpos dos alunos, a Pedagogia Freinet se posiciona totalmente oposta a isto, quebrando este paradigma, instituindo a possibilidade do espontâneo e da flexibilidade através de planos individuais de trabalho planejados em conjunto com o aluno a cada início da semana. Não é o tempo que rege a programação, mas o cotidiano e suas variações interessantes e criativas que atuam sobre o tempo. As rodas de diálogo no início do dia para estabelecerem o que será feito e como será feito também se destacam neste aspecto, fortalecendo a defesa do ponto de vista, pois são as crianças que, em corresponsabilidade, agem com compromisso diante do que foi tirado, realizando um balanço ao final do dia do que foi produzido. Através da argumentação pela linguagem oral, a escola poderá aperfeiçoar uma série de discursos, inclusive aqueles de persuasão, onde os alunos defendem seus interesses e arregimentam posturas favoráveis a estes.

O mesmo raciocínio estende-se ao processo avaliativo, sendo instituídas fichas de autocorreção. Nesta, os alunos percebem suas reais dificuldades pelo desenvolvimento da reflexão crítica e, sob a tutela dos professores, podem rever conjuntamente seus passos de aprendizagem, caminhando para a superação dos obstáculos encontrados, fundamentando pela linguagem escrita os elementos a serem considerados pela avaliação do docente.

Quanto ao lúdico, Freinet sempre entendeu a importância da liberdade das crianças de vivenciarem estes momentos de brincadeiras, não compreendendo uma Pedagogia que queimasse etapas, que encerrasse os corpos, que endurecesse as mentes e os corações, mas uma educação que desenvolvesse ao máximo as capacidades vívidas das crianças, tanto nos aspectos físicos, da fantasia, como também na oralidade. Por isto, ao invés de alunos presos às suas cadeiras, o que se propõe é a participação direta destes no andamento da escola, no curso de suas histórias. Para isso, umas das ferramentas é o Livro da Vida, com o registro conjunto professor-aluno dos acontecimentos mais marcantes da classe durante o dia, semana e ano. Além dos textos produzidos pelas crianças, colam-se nas suas páginas mais que palavras, mas

pedras, folhas, flores e tudo mais que os alunos puderam recolher de significativo, de representativo, de afetivo, durante as aulas-passeio. Além destas colagens, ilustrações, desenhos, pinturas compostas em sala de aula, em um trabalho de grande poder simbólico a cada participante.

Então, é com base em suas inúmeras técnicas, além das já citadas, como o Livro da Vida, o álbum da turma, o jornal mural, o fichário, entre tantas outras, que o Movimento Freinet buscar trazer uma perspectiva revolucionária que transforme a mentalidade e subverta de maneira libertária as propostas didáticas correntes, fortalecendo as potências de liberdade de cada criança rumo a uma pedagogia mais esperançosa, menos metódica, mais livre na palavra, nos gestos e nos afetos.

Considerações Finais

Percebe-se, portanto, que as reflexões de Célestin Freinet a respeito da educação e suas práticas em sala de aula seguem um rumo diferenciado, rompendo com uma lógica que silencia as vozes dos alunos, não permitindo o posicionamento crítico e nem o desenvolvimento de uma racionalidade argumentativa. Com espaços e momentos diversos propícios à liberdade de posicionamento do aluno, as “técnicas de vida” freinetianas incorporam elementos inovadores para sua época e que refletem a mesma importância na aplicação para os dias de hoje.

Suas contribuições, fundamentadas no espírito de justiça social e ávidas por uma sociedade libertária, são um bálsamo de esperança em meio às pedagogias conservadoras, alheias ao desenvolvimento linguístico-discursivo dos alunos, que acabam não os integrando ao universo vasto dos gêneros textuais escritos e/ou orais possíveis de serem trabalhados e capazes de fortalecer defesas de posicionamento, leituras de mundo fundamentadas e a aptidão da retórica, tão esquecida, mas de um valor considerável na socialização entre os indivíduos.

A formação de sujeitos autônomos, cooperadores entre si, livres para expressarem suas emoções, seus pensamentos, para participarem democraticamente da gestão dos espaços escolares, logo tomando posições futuramente na sua comunidade, são quesitos fundantes do Movimento Freinet, ancorado na autonomia, na autogestão, no mutualismo e na luta de

classes. Anti-sistêmica e convictamente indisciplinada, as técnicas de vida caminham com passos firmes rumo à liberdade.

Referências

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 277-326.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Contribuições de Bakhtin às teorias do Discurso. In: BRAIT, Beth. **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: UNICAMP, 2001.

BASÍLIO, L. R. M. **A emergência de condutas argumentativas de oposição na brincadeira infantil em ambiente virtual**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Cognitiva) – Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/8195/1/arquivo3871_1.pdf> . Acesso em 24 mai. 2018.

ELIAS, M. D. C. **Célestin Freinet: uma pedagogia de atividade e cooperação**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FREINET, C. **Ensaio de Psicologia sensível**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FRIEDMANN, 0041. **O desenvolvimento da criança através do brincar**. São Paulo: Moderna, 2006.

LEGRAND, L. **Célestin Freinet**. Tradução e organização: José Gabriel Perissé. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

LEITÃO, S. O lugar da argumentação na construção do conhecimento em sala de aula. In: LEITÃO, S; DAMIANOVIC, M. C. (Orgs.). **Argumentação na escola: O conhecimento em construção**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011. p. 13-46.

MERCIER, H; SPERBER, D. Why do humans reason? Arguments for an argumentative theory. **BehavioralandBrainSciences**, 2011, n. 34, p. 57-11. Disponível em: <<https://www.dan.sperber.fr/wpcontent/uploads/2009/10/MercierSperberWhydohumansreaso n.pdf>>. Acesso em 27 abr. 2018.

MOSCA, L. S. (Org.). **Retóricas de ontem e de hoje**. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações/FFLCH-USP, 2004.